

Laylson Mota Machado
Janeide da Silva Cavalcante

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

GT11: Ensino de Sociologia e a lei 10.639/03: 20 anos de debates sobre história e cultura afro-brasileira e indígena

AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA O DEBATE ÉTNICO-RACIAL NO
NORTE DO TOCANTINS



Belém, Pará
2023

AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA O DEBATE ÉTNICO-RACIAL NO NORTE DO TOCANTINS

Laylson Mota Machado¹

Janeide da Silva Cavalcante²

RESUMO: O presente trabalho busca discorrer sobre uma ação desenvolvida pelos discentes do curso de Ciências Sociais, então bolsistas do Programa de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID) desenvolvido em duas escolas situadas no Norte do Estado do Tocantins. O fato que será elucidado neste trabalho é um relato de experiência sobre a construção e apresentação da exposição: “*Afro Representatividade - Literatura e Música*”. Diante disso, na presente exposição objetivava uma apresentação de autores/as e músicos negros, proporcionando aos alunos da escola o contato com autores negros, a fim de dar visibilidade a produções de pessoas negras, discussão que é suscitada pela lei nº 10.639/03, a partir de ações pedagógicas que visam superar a visão construída a respeito da população negra e também sobre a África (GOMES, 2011). Em síntese, a exposição que será relatada neste trabalho proporciona um encontro às discussões suscitadas pela lei nº 10.639/03, sobre o debate étnico racial na educação básica e também superior.

Palavras-Chaves: Pibid; Ciências Sociais; Escola; Étnico-racial

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado por uma diversidade cultural, com diferentes populações existindo e resistindo no país. A população negra, passou e ainda passa por constantes expropriações, violências e o silenciamento de suas histórias. E mesmo com o fim da escravidão, o preconceito e a discriminação são persistentes.

O espaço escolar se apresenta, como importante, no sentido de ser local de formação e discussão. Havia, no entanto, até a promulgação da Lei nº 10.639/03, um verdadeiro silenciamento quanto as discussões étnico-raciais, e a questão do racismo e discriminação, além da inferiorização da cultura negra, resumindo sua história a escravidão. De acordo com Abdias do Nascimento (1978), dialogando com as palavras de Sílvio Romero, o sistema educacional brasileiro, desde a educação básica ao nível superior, ostentava a Europa. A partir de reivindicações por parte do movimento negro e de intelectuais, houve a revisão do livro didático em 1990, pois, em algum desses o negro aparecia de forma estereotipada (SANTOS,

1 Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGS/UFPEL). Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT/UFT). Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: laylsonmm@gmail.com

2 Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (PPGCSoc/UFMA). Mestra em Sociologia (PPGS/UFMA). Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: janeide.cavalcante@hotmail.com

2005). Sendo então, em 2003 durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva é sancionada a Lei 10.639/09, sendo um importante passo na luta antirracista, com destaca Santos (2005).

Como bem alertou Abdias do Nascimento (1978), não era apenas na educação básica que existia uma ostentação à Europa, fato também observável no ensino superior. Diante deste cenário, o Programa Institucional de Bolsa Iniciação à Docência (PIBID), tem proporcionado uma gama de experiências, vivências e conhecimentos pedagógicos para a carreira do licenciado em ciências sociais, destacando assim, o debate étnico-racial. Diante disso, o programa desenvolvido na Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis, deteve-se em desenvolver uma ação nas escolas parceiras sobre autores/as e músicos negros. Pois, como pontuou Nilma Lino Gomes (2011), é papel também das instituições de ensino privadas e públicas, desenvolver ações, projetos que venham de encontro ao debate racial, promulgado pela Lei nº 10.639/03.

Em vista disso, o presente trabalho objetiva a partir da ação desenvolvida pelo PIBID nas escolas parceiras através da exposição *Afro Representatividade: literatura e música*, promover o debate étnico racial nas escolas da educação básica, por meio do incentivo a leitura de autoras e autores negros, assim como, a compreensão desta representatividade no cenário musical brasileiro.

O debate étnico racial e a promoção de igualdade racial nas escolas e universidades

O currículo da Educação Básica tem encontrado espaço para o debate sobre a diversidade especificamente no campo das ciências humanas e sociais, tendo ocorrido mudanças significativas a partir das políticas relacionadas ao trato das questões étnico-raciais na escola e na teoria educacional. Para Nilma Gomes (2012) as alterações da LDB pela Lei 10.639/2003 tem proporcionado a descolonização dos currículos, sendo esse um desafio para educação escolar.

A força das culturas consideradas negadas e silenciadas nos currículos tende a aumentar cada vez mais nos últimos anos. As mudanças sociais, os processos hegemônicos e contra-hegemônicos de globalização e as tensões políticas em torno do conhecimento e dos seus efeitos sobre a sociedade e o meio ambiente introduzem, cada vez mais, outra dinâmica cultural e societária que está a exigir uma nova relação entre desigualdade, diversidade cultural e conhecimento. Os ditos excluídos começam a reagir de forma diferente: lançam mão de estratégias coletivas e individuais (GOMES, 2012, p. 102).

Para a autora, esse contexto epistémico atinge as escolas, universidade e o campo de produção de formação de professores, atingindo os currículos, os sujeitos e suas práticas ao serem inseridos em um processo de renovação, estando essa relacionada especificamente a



relação entre teoria e prática, renovação essa estando no imaginário pedagógico da relação entre sujeitos da educação. Gomes (2012) dialoga com Arroyo ao entender os currículos como território em disputa, especificamente relacionados a novos sujeitos sociais em ações coletivas e movimentos sociais.

As mudanças propostas pela LDB possibilita a abertura de caminhos para a construção de uma educação antirracista, visando romper com uma epistemologia curricular na medida em que torna público e legítimo o debate sobre as questões afro-brasileiras e africanas, entretanto, é necessário que este seja um debate intercultural, sendo este emancipatório e realizado no interior da escola (GOMES, 2012).

Cabe ressaltar que a implantação da Lei 10.639 surge do resultado de lutas e pressões do Movimento Social Negro por uma educação não eurocêntrica e antirracista. Silva (2005), destaca que através das reivindicações do Movimento Negro do século XX que a obrigatoriedade do ensino de história do continente africano em sua diversidade, dos africanos na luta dos negros do Brasil, da cultura negra brasileira e dos negros na formação da sociedade brasileira. Dessa forma, como destaca Santos (2005) a luta do movimento negro por uma educação antirracista levaram mais de meio século, até conseguirem formalmente a obrigatoriedade do ensino de cultura afro – brasileira e africana nos currículos da educação básica.

Silvio Almeida (2021) destaca que no Brasil, os movimentos sociais tiveram grande participação na construção de direitos fundamentais previstos na Constituição de 1988, como nas leis antirracistas, como a Lei 10.639/2003, as cotas raciais nas universidades federais e serviços públicos, o Estatuto de Igualdade Racial , assim como as decisões judiciais trazendo grandes contribuições técnicas e teóricas. Almeida (2021, p. 151) ainda destaca “é sabido que o destino das políticas de combate ao racismo está, como sempre esteve, atrelado aos rumos políticos e econômicos da sociedade”.

Com vinte anos da alteração desta lei uma série de debates tem sido promovidos no âmbito educacional, pautando-se na busca do combate ao racismo a educação antirracista é a principal ferramenta de promoção de igualdade racial no contexto escolar e social. Entretanto, é necessário que essa epistemologia seja levada em consideração, pautando-se na forma como as questões da cultura afro-brasileira não se reproduza de forma estereotipada, e que o debate étnico racial seja posto no centro dos currículos tanto da educação básica como superior.

No artigo de Francisca Maria dos Nascimento Sousa (2005) *Linguagens escolares e reprodução do preconceito*, traz a discussão de como a escola pode contribuir para a construção da autoestima de estudantes negros/as. A partir da linguagem verbal e não verbal,

a autora explicita como isso têm dificultado o desenvolvimento da autoestima positiva de alunos/as negros, e como isso, contribui para solidificar concepções preconceituosas e discriminatórias em relação a população afro- brasileira.

É dentro dessa perspectiva que o destaque da produção cultural, intelectual e literária da população preta é primordial para o conhecimento e promoção da igualdade racial nos contextos sociais e educacionais. Com esse objetivo que a exposição elaborada pelos/as estudantes de Ciências Sociais, bolsistas do PIBID, buscaram promover o protagonismo preto dentro da indústria literária e musical. Com ações como essas que a educação antirracista se insere nos contextos escolares, pondo em ênfase que a história da população negra enfrentou um processo de apagamento de suas lutas e conquistas, estando fora dos currículos e dos livros didáticos por muito tempo, a instauração da lei amplia e insere a obrigatoriedade desse debate, no entanto, há uma série de desafios a serem enfrentados na sua instauração e promoção desse debate.

Para Carlos Wedderburn (2005, p. 133) “A obrigatoriedade do ensino da história da África nas redes de ensino no Brasil confronta o universo docente brasileiro com o desafio a disseminar [...] uma gama de conhecimentos multidisciplinar sobre o mundo africano”, buscando formas de evitar a generalização a cerca do ensino desta temática. O autor ainda destaca em seu texto que é necessário uma democratização acerca desse debate e sua deselitização corporativa, existe com isso, uma série de novos desafios a serem enfrentados pelos/as docentes.

O(A) professor(a) incumbido(a) da missão do ensino da matéria africana se verá obrigado(a) durante longo tempo a demolir os estereótipos e preconceitos que povoam as abordagens sobre essa matéria. Também terá de defrontar com os novos desdobramentos da visão hegemônica mundial que se manifesta por meio das “novas” idéias que legitimam e sustentam os velhos preconceitos (WEDDERBURN, 2005, p. 160).

O rompimento de uma lógica hegemônica que tem se instaurado nos currículos escolares é fator essencial para a promoção de uma educação intercultural e antirracista, embora a descolonização do currículo possa implicar conflito, confronto, negociações e a produção de algo novo, como destaca Nilma Gomes (2005, p. 107), inserindo-se num processo de descolonização maiores e mais profundos, entrando nas esferas do poder e do saber, tendo em vista que “Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo”. Dessa forma, a superação de epistemológicas eurocêntricas do conhecimento tem se tornado um desafio tanto para escola como para educadores e educadoras, o currículo e para a formação docente.

Exposição Afro Representatividade: literatura e música

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins, era composto por 1 coordenador, 2 supervisores das escolas parceiras e treze bolsistas. O PIBID atuava em duas escolas estaduais da rede de ensino do município de Tocantinópolis (TO), sendo o Colégio Professor José Carneiro de Brito e o Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Deputado Darcy Marinho.

Nas reuniões de planejamento das ações a serem desenvolvidas pelo PIBID, a equipe de bolsistas, supervisores e coordenador buscou entender as demandas pedagógicas das escolas parceiras do programa para que pudéssemos entender quais eventos e como o calendário escolar poderia encaixar as ações do PIBID em seus cronogramas e planejamentos. Naquele ano (2016) as escolas realizavam eventos culturais que envolveriam o público docente e discente, a partir disso, resolvemos colaborar através da exposição que trouxe o tema leitura, como foco outra temática muito relente para a Sociologia, tratando-se da questão étnico-racial.

A exposição ocorreu nas duas escolas parceiras do programa, sendo o Colégio Professor José Carneiro de Brito recebido o evento nos dias 23 e de junho de 2016, e o Centro de Ensino Médio Girassol de Tempo Integral Deputado Darcy Marinho no dia 25 de junho. A exposição foi organizada pela equipe de bolsistas, compostos por coordenador, supervisores e iniciantes à docência, do PIBID de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins. A ideia inicial da proposta do projeto surgiu da discussão que fizemos em nossas aulas durante nosso curso: quantos autores negros nos são apresentados como referências no ensino superior? Essa problemática trouxe a percepção de que poucos autores e autoras negros eram lidos ou reconhecidos nas grades curriculares do curso, assim como, no âmbito de nossas leituras, como exemplo do antropólogo jamaicano Stuart Hall, uma das grandes referências para a antropologia (CONCEIÇÃO et al, 2017).

Em vista disso, a partir da exposição buscou-se evidenciar como a literatura produzida por homens negros e mulheres negras tem grande importância na cultura brasileira e mundial. Para a organização utilizamos escritos acadêmicos, fictícios, poéticos, além de músicas e demais produções culturais. Foram separados grupos para que pudéssemos de forma dinâmica apresentarmos a temática da melhor forma possível e didática a compreensão dos/as alunos. Os grupos foram separados em autores e autoras negros e negras internacionais, nacionais,

regionais e compositores/as negros/as nacionais. Após um levantamento bibliográfico e estudos para seleção dos/as 18 artistas e autores/as a serem trabalhados selecionamos, sendo eles/as: Albert Chinualumogu Achebe; Zora Neale Hurston; Kabengele Munanga; Stuart Hall; Abdias Nascimento; Maria Firmina dos Reis; Carolina Maria de Jesus; Joaquim Maria Machado de Assis; João Batista de Jesus Feliz; Milton Almeida Santos; Carlos Antonio de Oliveira Sousa; Maria da Consolação Santos Brito; Aldenor Alves Abndeira; José Salgado Santos; Agenor de Oliveira (Cartola); Elza Soares; Gilberto Gil; Jorge Mario da Silva (Seu Jorge), alguns naturais de outros países, autores reconhecido na indústria cultural brasileira, e outros do contexto regional, em específico da região. As músicas foram reconhecidas como importante produção literárias e sua grande importância no protagonismo preto que era ainda desvalorizado no âmbito escolar e universitário.

Conforme destaca Gomes (2012), a forma como a cultura negra, as questões de gênero, a juventude, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são marginalizados e tratados de forma desconecta com a realidade da vida social, sendo até mesmo discriminadas no cotidiano escolar e nos currículos. Com isso, a autora destaca que o ensino de Cultura Afro-brasileira pode ser considerado um avanço da ruptura epistemológica do campo educacional. A respeito disso que a realização do projeto se propôs.

A montagem do projeto ocorreu com a participação coletiva de todos/as os/as bolsistas, trabalhando com a montagem de cartazes (conforme imagem 1) e murais, a seleção de textos e livros para serem apresentados no evento, além da mediação da introdução das obras e músicas literárias que pudesse chamar atenção do público alvo para despertarem o interesse pelos/as autores/as. Nos murais eram expostos a biografia de cada autor/a, buscando exemplificar a relação profunda que a produção literária tinha com as histórias de vida, como aponta Conceição et al (2017).

Imagem 1: Cartazes criados para exposição



Alta Representatividade: literária e música

Dados do autor:
Nome: Carolina Maria de Jesus
Data de Nascimento: 14/03/1914
Data de Falecimento: 13/02/1977

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914 em Sacramento e morreu em 13 de fevereiro de 1977, em São Paulo. É considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras. Nasceu em Minas Gerais, mas mudou-se para São Paulo, onde passou a morar em uma favela. Carolina não terminou os estudos, mas era alfabetizada. Para sobreviver e sustentar a família, Carolina catava lixo. Sempre que encontrava algum caderno, guardava e escrevia neles coisas que aconteciam no seu cotidiano e da vida na favela. Seus relatos deram origem ao livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada", publicado em 1960. Não eram poucos os escritos existentes sobre as favelas e o cotidiano sofrido de seus moradores, mas Carolina foi a primeira escritora a oferecer esse olhar de dentro, da perspectiva de uma moradora. Carolina foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que ao escrever uma matéria sobre a favela do Canindé, conheceu a autora e seus escritos. Percebendo que Carolina tinha muito a dizer, resolveu divulgar e publicar seu trabalho. Como o próprio jornalista declarou: "repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história".

Principal obra:
Quarto de Despejo(1960).

Apoio: GOVERNO DO TOCANTINS

Realização: Pibid (PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO) UFT UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Fonte: DICOM-UFT.

Na Imagem 1 destaca-se o mural que se apresentava Maria Carolina de Jesus e sua importância e destaque para literatura nacional. Em sua obra *Quarto de Despejo* (1960), traz a representação de um marco histórico na literatura brasileira, sobretudo em relação a representatividade de sua obra, e a forma como a autora expressa às condições precárias que viviam os moradores da Favela do Canindé. A obra relata o seu cotidiano enquanto mulher preta, favelada e catadora de papel, com linguagem simples e dialógica entre os escritos de Carolina, a forma sensível de construir em seu diário, ao descrever o cotidiano vivenciado por ela e seus filhos em Canindé, São Paulo, entre as décadas de 1950 e 1960

O processo de montagem levou um período de elaboração de pesquisa em que cada grupo se reunia para preparação de leituras, coletas de dados, busca no acervo da biblioteca da universidade para que pudéssemos expor os livros, assim como, a criação artística dos murais a serem destacados durante a exibição do projeto.

Os cartazes elaborados pela equipe de bolsistas proporcionaram de forma dialógica e didática a melhor compreensão dos/as alunos/as acerca da temática debatida durante a exposição. O evento foi elaborado para ocorrer no "Dia D da Leitura", programa idealizado pela Secretaria de Educação do Estado do Tocantins, que era realizado semestralmente nas escolas da rede de ensino do Estado, este programa da SEDUC TO, buscava desenvolver ações previstas no Programa Vamos Ler, que tinha por objetivo incentivar o hábito da leitura, formando leitores/as dentro e fora do contexto escolar³.

³ <https://www.to.gov.br/seduc/noticias/dia-d-da-leitura/16hlwzc0h36t>

A partir da promoção da leitura e do conhecimento da temática étnico racial no âmbito literário e da música brasileira, proporcionava-se formas de promover a desnaturalização e o estranhamento de ideias equivocadas que a sociedade em geral tem sobre a temática. Conforme as OCEM-Sociologia, destacadas por Moraes, Tomazi e Guimarães (2010, p. 17) “Para desfazer esse entendimento imediato, um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções dos fenômenos sociais”. Com isso, a exposição proporcionou aos alunos a participação e contribuição de homens e mulheres negras que vem contribuindo e são de grande importância para literatura nacional e internacional, assim como, a música popular brasileira que entra em destaque mundial.

Para além da produção literária, buscamos pesquisar a respeito dos compositores negros da música brasileira, tendo por objetivo “concebê-la como uma manifestação literária pela qual, de um ponto de vista artístico, se aborda questões concernentes à sociedade de maneira crítica e criativa” (CONCEIÇÃO, 2017, p. 04). Por meio disso, compreendemos a relação limítrofe entre música e literatura, e em pesquisa no acervo foram apresentados a produção de Gilberto Gil, Elza Soares e Seu Jorge, compositores/as da música popular brasileira.

A recepção da exposição na comunidade escolar apresentou resultados significativos, as duas escolas que sediaram o evento podemos perceber o despertar de alunos/as, professores/as e do público em geral sobre a temática em questão, compreendendo e muitas vezes reconhecendo os/as autores/as negros pela primeira vez, sabendo da necessidade desse debate e da importância para a temática étnico-racial nas escolas ao proporcionar a representatividade de escritores/as e cantores/as negros no cenário cultural brasileiro. O evento proporcionou de alguma forma a tentativa dos bolsistas de desmistificar as ideias preconceituosas que as pessoas possuem sobre os negros mostrando a partir da representatividade o lugar de destaque e a importância tanto na literatura, como na música popular brasileira.

Perante isso, pode-se compreender como a exposição contribuiu para a formação dos iniciantes à docência, estando esse aprendizado em várias escalas, desde a coleta de material para execução do projeto até a sua conclusão.

O aprendizado por parte dos bolsistas se deu em várias escalas, desde a coleta de material para execução do projeto até a concretização do mesmo. Com a procura por escritores regionais pudemos destacar três autores negros da cidade de Tocantinópolis, que são eles: o professor Carlos Antonio Oliveira de Sousa, professor nas duas escolas trabalhadas; a poetisa Consola Brito que lançou seu primeiro livro de versos no primeiro semestre deste ano e o advogado aposentado Aldenor Alves Bandeira. Pudemos perceber que os autores negros da região eram

poucos visibilizados, o que impedia seu reconhecimento. Buscar essas informações e trazê-las para a exposição gerou conhecimento para todos os envolvidos: bolsistas, alunos e demais membros da comunidade escolar. Nos fez ainda perceber que, ao discutirmos questões próximas da realidade do aluno, conseguimos despertar sua curiosidade e esse caminho facilita a exploração do conteúdo (CONCEIÇÃO et al, 2017, p. 10).

Em vista disso, a elaboração, realização e conclusão deste projeto proporcionou que o debate étnico racial estivesse presente tanto no contexto da educação básica quanto do ensino superior, a saber que as contribuições obtidas através do estudo e da concepção da exposição trouxe conhecimento não só para os/as alunos das escolas parceiras, como também para os/as bolsistas, supervisores e coordenadores do programa. Além disso, destaca-se a importância do PIBID na promoção do contato com o contexto escolar e das atividades de sua relevância desenvolvidos pelo calendário escolar das escolas parceiras. Como também, a interação entre os/as alunos/as e a universidade amplia a possibilidade de reflexão acerca de novas dimensões de ensino a serem debatidas e instauradas na escola, especificamente tratando-se do ensino de Sociologia e das formas como a diversidade sociocultural pode ser instauradas nas grades curriculares, estabelecendo diálogos que estão para além da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira mas, para o entendimento da complexidade étnica e diversa que se forma o país.

Considerações Finais

A construção e apresentação da exposição “Afro Representatividade - Literatura e Música” possibilitou o debate étnico racial dentro das escolas, levando os alunos e professores das escolas parceiras conhecerem grandes autores, autoras e músicos negros. Contribuindo também na formação docente, pois possibilitou este encontro também, já que ainda é necessário que as grades curriculares dos cursos de ensino superior incorporem a leitura de autores/as negros/as.

Através disso, é importante destacarmos que as temáticas propostas pela Lei 10.639/2003, em seu vigésimo ano de história desde sua implementação é de suma importância para o exercício de professores/as e alunos/as. Ao promovermos as discussões vigentes de instauração desta lei e de que forma tanto a escola como as universidades podem promover o debate étnico racial, visando descolonizar os currículos tanto das escolas como as universidades brasileiras.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, SILVIO. **Racismo Estrutural**. Editora Jandaíra, 2021.

CONCEICAO, Wellington da Silva; SOUSA, Marcia de; FRANCA, Yuri Paula de; MACHADO, Laylson Mota; COSTA, Leidinalva Oliveira. Exposição: "Afro Representatividade - Literatura e Música": educando para desnaturalizar preconceitos. IN: AIRES, Berenice Feitosa da Costa et al (Org.). **Contribuições do PIBID-Universidade Federal do Tocantins para a Educação Básica – experiências e práticas pedagógicas**. Palmas: Nagô Editora, 2017, p. 09-23.

GOMES, Nilma Lino. Educação, relações étnico raciais e a Lei nº 10.639/03. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/educacao-relacoes-etnico-raciais-e-a-lei1063903/>

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 98-109, 2012.

MORAES, A.C.; TOMAZI, N.D.; GUIMARÃES, E.F. **Orientações curriculares nacionais para o ensino médio – Sociologia**. Brasília: MEC-SEB, 2006.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**. Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista no Movimento Negro. IN: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 21-38.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. IN: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 105-120.

WEDDERBURN, Carlos Moore. Novas Bases para o Ensino da História da África no Brasil. IN: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 133-166.

